



SIQUIRJ INFORMA

Nº 182

Jan/2017

SIQUIRJ realiza evento em comemoração dos 70 anos da entidade

Perspectivas da Indústria Química no Brasil e Rio

No encerramento do exercício de 2016, foi realizado especial evento em comemoração dos 70 anos do SIQUIRJ, contando com palestra da Sra. Solange Stumpf, consultora da MaxiQuim, sobre as perspectivas da Indústria Química no Brasil e no Rio de Janeiro, seguido de confraternização. O evento contou com a presença de representantes de empresas associadas, membros de entidades ligadas ao setor, da Academia e personalidades do setor.

Na abertura do evento, o Presidente do SIQUIRJ, Isaac Plachta, agradeceu a Braskem pelo apoio e patrocínio na realização do evento, e passou a palavra a Solange Stumpf. Iniciando sua exposição, Solange Stumpf apresentou a MaxiQuim, empresa de consultoria que atua no mercado há mais de 20 anos, realizando estudos nas mais diversas áreas da Química.

Se tratando no cenário internacional, a palestrante comentou que a onda de investimentos na América do Norte desacelerará a partir de 2018, assim como na Ásia já ocorre a partir de 2017. Espera-se para o segundo semestre de 2017 um boom na entrada de novas planta de polietileno. Sobre o ciclo de rentabilidade, Solange Stumpf mostrou que houve aumento na rentabilidade de produtos como olefinas, aromáticos e plásticos, mas que no geral, as margens de rentabilidade totais terão seu pior momento em 2018. No entanto, esse quadro não deverá ser tão profundo nem tão longo. A palestrante pontuou como fatores positivos para os investimentos na Indústria Química: a redução do número de players; maior escala de produção; a integração produtiva e os projetos modulares.

Sobre a Indústria Química Brasileira, Solange Stumpf mostrou que houve diminuição do déficit devido a diminuição das importações e os produtos químicos de uso industrial passaram a corresponder a 53,2% do faturamento. Concluiu dizendo que o Brasil não pode prescindir de uma Indústria Química forte, principalmente pela sua agregação de valor, produtividade e emprego à economia brasileira.

Passando a abordar a questão do Rio de Janeiro, Solange Stumpf mostrou que o PIB fluminense em relação ao nacional está cada vez menor. Pontuou que devido a crise houve forte queda na indústria de transformação nacional e fluminense, mas que a partir de janeiro de 2016, a indústria nacional começou a reagir, mas a fluminense permanece em queda, principalmente pela queda no emprego e na massa salarial, gerando grave problema econômico em um já conturbado contexto político.

Sobre o futuro da indústria química, a palestrante pontuou que a construção da petroquímica brasileira se baseou em um tripé de capital privado, matérias-primas oriundas da estatal Petrobras e tecnologia de multinacionais. Esse modelo está esgotado e, por hora, abandonado. A indústria química brasileira terá que buscar alternativas não-convencionais, seja pelo lado do fornecimento de matérias-primas, seja pelo lado da diferenciação de produtos e mercados. As empresas brasileiras estão passando por uma transição em busca desses caminhos.

Comentou que a importação de nafta será a principal fonte de matérias-primas da indústria petroquímica no Brasil por muito tempo e o etano deve crescer em importância e ser o driver do próximo ciclo de expansão. A oferta e demanda de gás natural apresenta-se como opção viável de fonte de matérias-primas no médio-prazo. O comportamento de preços acalenta a esperança de haver maior participação de gás natural na matriz energética.

Sobre as oportunidades de negócio e o ambiente propício, Solange Stumpf elencou quatro pontos-chaves: a desoneração, o REIQ, a Frente Parlamentar da Química e o PADIQ.

Encerrando a apresentação, Solange Stumpf agradeceu aos presentes e se dispôs a atender os questionamentos. Por fim, o presidente do SIQUIRJ, Isaac Plachta, agradeceu a palestrante e convidou todos os presentes para um coquetel de confraternização. ■

Editorial

2017 será um ano positivo.

Nossas expectativas para 2017, são realistas e positivas, há sinais de que será melhor que 2016.

Segundo a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), o Brasil continuará aumentando sua relevância no abastecimento mundial de alimentos. No longo prazo - até 2050 - estima-se que será necessário aumentar a produção mundial de grãos em 50% e duplicar a oferta global de carnes, para atender uma população no planeta estimada em nove bilhões.

Para 2017 o IBGE estima uma super safra de grãos, que passará de 200 milhões de toneladas, um crescimento de 16%, principalmente devido às culturas de milho (31% a mais) e de soja (6,6% maior). Temos vantagens comparativas relevantes: grandes áreas de terras produtivas, energia solar abundante, água para irrigação e um setor de agronegócios competitivo.

Por estes aspectos, a FAO estima que o Brasil aumente nos próximos dez anos cerca de 35% da produção de grãos, 25% da oferta de carnes, 85% da produção de biocombustíveis e 18% da oferta de açúcar.

O agronegócio, hoje representa 5% do PIB, mas este segmento interage com outros setores que representam, juntos, 22% do PIB brasileiro, nos quais está incluída a Indústria Química, já que serão necessários defensivos agrícolas, fertilizantes e embalagens, o que amplia as possibilidades de aumentar a utilização da capacidade.

A CNI acredita que o PIB Industrial crescerá 1,3% em relação a 2016 e a inflação caminha para o centro da meta, indicando estabilidade e cortes na taxa de juros.

Vamos acompanhar a taxa de desemprego, que começará a cair no segundo semestre e torcer que o Executivo e o Congresso se unam para aprovar as reformas, previdenciárias e trabalhistas, e que as medidas de austeridade para controlar a expansão dos gastos públicos sejam levadas a sério.

A maior incerteza está na política, mas 2017 será melhor que 2016. ■

Finep vai receber US\$1,5 bilhão de empréstimo do BID para financiar pesquisas

A Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) vai receber US\$ 1,5 bilhão do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), via empréstimo, para financiar pesquisas nos próximos cinco anos. O anúncio foi feito pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Segundo o ministério, esta é a primeira vez que a Finep capta recursos no exterior. Do total, US\$ 310 milhões serão executados este ano.

Entre os projetos que devem receber os recursos do BID estão o Plano de Desenvolvimento e Inovação da Indústria Química (Padiq) e o Plano de Desenvolvimento, Sustentabilidade e Inovação do Setor de Mineração e Transformação Mineral (Inova Mineral). Um programa voltado ao setor de biocombustíveis avançados, em fase de estruturação pela Finep, também terá acesso a esses recursos.

O BID ainda será coinvestidor em empresas inovadoras em estágio inicial e vai auxiliar, com recursos não reembolsáveis e apoio técnico especializado, o fortalecimento institucional da Finep e o desenvolvimento e aplicação de metodologias e processos para o monitoramento de resultados.

Em nota, o presidente da Finep, Marcos Cintra, diz que o governo pretende "potencializar todos os instrumentos disponíveis para alavancar seu crescimento econômico, além de um claro sinal de confiança internacional". O empréstimo, segundo ele, "sinaliza novos rumos no relacionamento financeiro do país com o exterior." ■

Fonte: Agência Brasil

Em 2016, Brasil seguiu em penúltimo lugar em lista de competitividade da CNI

A economia brasileira se manteve no ano passado em 17º lugar num ranking de competitividade elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), e que leva em consideração 18 países no total. O Brasil ocupa essa posição desde 2012, quando o estudo começou a ser feito.

O Brasil ficou à frente apenas da Argentina - último colocado. No topo da lista, está o Canadá, seguido pela Coreia do Sul, Austrália e China. Foram considerados países com "economias similares".

De acordo com a entidade, com a recessão no país, houve retrocesso em quatro dos nove fatores avaliados: disponibilidade e custo da mão de obra, ambiente macroeconômico, competição e escala do mercado doméstico e tecnologia e inovação. Por outro lado, houve melhora no item educação.

"O Brasil precisa valorizar a competitividade se quiser sobreviver em um mundo globalizado", avaliou o gerente-executivo de Pesquisas da CNI, Renato da Fonseca. Para o analista, o principal problema do país é o custo da mão de obra, mas não a remuneração paga.

"Não é que o Brasil tenha o salário mais alto. O grande problema que gera é a baixa produtividade. A gente está lá em baixo e isso puxa o país", avaliou.

De acordo com ele, para ter melhores condições de competir com os demais países, o Brasil deve ampliar os investimentos e aumentar a eficiência na aplicação de recursos públicos e privados em áreas que aumentem a produtividade, como educação, inovação e infraestrutura.

A Confederação Nacional da Indústria avaliou que, para melhorar a competitividade da economia brasileira, o país deve recuperar a "estabilidade econômica" e avançar nas reformas estruturais.

Para a entidade, também é preciso "modernizar" a legislação trabalhista, com valorização das negociações coletivas - projeto que foi enviado pelo governo ao Congresso Nacional - e regulamentação da terceirização. ■

Fonte: G1

POSIÇÃO COMPETITIVA DOS 18 PAÍSES SELECIONADOS



A indústria química e o papel dentro da economia brasileira - Isaac Plachta na Rádio MEC AM

O presidente do SIQUIRJ e CRQ3, Isaac Plachta, esteve no estúdio da Rádio MEC AM junto com Alessandro Reis, aluno de mestrado em História, e o apresentador Cadu Freitas, no programa Bate-papo Ponto Com, da última terça-feira, 31 de janeiro.

A pauta tratou da importância da indústria química para o país e também do mercado de trabalho para níveis superior e técnico, que atuam de forma integrada dentro das indústrias, a terceira na cadeia econômica do Brasil segundo dados do PIB.

Para ouvir o programa, acesse <https://goo.gl/B4yD83>. ■



SIQUIRJ

Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20030-070
Tel.: (21) 2220-8424
e-mail: siquirj@siquirj.com.br
home page: www.siquirj.com.br

Diretoria - 2016/2020

Diretoria

Isaac Plachta (Presidente)
Marjorie Arias (Vice-presidente)
Nicolau Pires Lages (Secretário)
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

Suplentes

Gilson Luiz Maurity Santos
Manoel Moysés Zauberman
Ciro Alves

Conselho Fiscal

Efetivos

Carlos Roberto da Silva
Lincoln Martins Rosa
Nélio Augusto Manhães Rodrigues

Suplentes

Roberto Pinho Dias Garcia
Antonio Emilio Simões Meireles
Ronaldo Valle Monteiro

Delegados Representantes junto à FIRJAN

Efetivos

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira
Carlos Mariani Bittencourt

Suplentes

Isaac Plachta
Manoel Moysés Zauberman